

Praça Oito de Maio: uma apreciação geográfica

Praça Oito de Maio: a geographic assessment

Lucia Rodrigues de Almeida Dias
Geógrafa e Professora de Geografia
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Mestranda em Geografia – UERJ
lucia.geografia@ig.com.br

RESUMO:

Este artigo tem em vista uma apreciação geográfica da Praça Oito de Maio, situada no bairro de Rocha Miranda, Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. O recorte espacial sob o marco temporal compreende o período de 1930 a 2012. Através da relação de significações e topofilia, de alguns moradores e frequentadores do lugar, para com o objeto geográfico escolhido para esta investigação, ressalta-se a importância deste para a organização espacial do bairro em questão. Para alcançar a profundidade da expressão geográfica do objeto de pesquisa, serão realizadas entrevistas e mesmo conversas informais com seus residentes e frequentadores, explorando sua geografia. De igual modo, no processo de elaboração deste artigo consta coleta de dados e material bibliográfico com respeito a informações sobre a praça obtidos nos órgãos de pesquisa competentes, além do enriquecimento de obras de autores, ambos relacionados ao final deste artigo. Desta feita, ao analisar a importância da Praça Oito de Maio, obtém-se o esclarecimento da contribuição desse símbolo geográfico para a formação socioespacial e cultural da população de Rocha Miranda.

Palavras-chave: fixo geográfico; topofilia e simbolismo.

SUMMARY:

This article is intended as a geographical assessment of the Praça Oito de Maio, a square located in the borough of Rocha Miranda, in the North Zone of the city of Rio de Janeiro. The time span viewed is the period from 1930 to 2012. The symbolism and topophilia of some residents and other frequent visitors to the square selected as the geographic subject of this study was duly registered and confirms its importance to the borough's organisational plan. To attain the full measure of the geographic prominence of the study subject, interviews will be conducted and informal conversations with the local residents and visitors will be used to fully explore the site's geography. Furthermore, this article relied on data and bibliographic material with information related to the square collected from relevant sources, as well as a wealth of knowledge obtained from the two authors mentioned below. Thus, the analysis of the importance of the Praça Oito de Maio provides insight into the contribution of this geographic symbol for the social, cultural and material enlightenment of the population of Rocha Miranda.

Key words: geographic reference; topophilia; symbolism

Introdução

Este artigo tem por objetivo estabelecer uma apreciação geográfica sobre a Praça Oito de Maio, localizada no bairro de Rocha Miranda, Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, situado entre os bairros de Coelho Neto, Honório Gurgel, Bento Ribeiro, Turiaçú, Vaz Lobo, Irajá, Colégio e Oswaldo Cruz. Justificando tal empreendimento científico pode-se dizer que este artigo descortina um fixo geográfico, pouco explorado nos estudos urbanos, qual seja a Praça Oito de Maio. A seleção deste objeto geográfico, estudado entre o período de 1930 a 2012, consiste no apego topofílico tanto por possuir residência no bairro citado, como pelo gosto especial pelo objeto geográfico em questão. Nestas circunstâncias, a presente declaração explora uma expressiva forma espacial de um bairro carioca, situado nos domínios dos chamados subúrbios cariocas.

Os valores, como se sabe, são diferentes para os indivíduos e grupos sociais. E, para muitos moradores e frequentadores do bairro, a praça alcança em seus corações a distinção de lugar de destaque provocando um sentimento afetivo. Ou seja, pertinente à topofilia ou entre a pessoa e o lugar. Nesse local estabeleceram-se laços de amizades, jogos de bola, brincadeiras de crianças e adolescente, namoros, encontros fortuitos, cultos religiosos de diferentes procedências, formando-se famílias, trocas de experiências entre os que residem e ainda com os visitantes, que se identificam e se sentem confortáveis no bairro de Rocha Miranda. Essas experiências, traduzidas nas relações cotidianas que acontecem entre as pessoas, contribuem para a formação da Geografia, da História, da cultura e pelos múltiplos laços de amizade estabelecidos no largo, tornando-o mais rico. Pois toda experiência que acontece, seja social, política, religiosa, cultural ou econômica, afeta as pessoas, dinamizando o espaço, sendo algumas produtoras de pulsares e elementos simbólicos. Este é o caso da Praça Oito de Maio, símbolo geográfico que, após a Segunda Guerra Mundial, torna-se um marco político e foi totalmente modificada com a introdução do obelisco no centro da mesma, homenageando os ex-combatentes e a data de 8 de maio de 1945, justamente o Dia da Vitória. Nessas condições, Carlos (1996, p. 19) afirma ser importante a trajetória dos indivíduos para a produção do espaço, quando ressalta: “a história do indivíduo é aquela que produziu o espaço e que a ele se imbrica...”

Nesse emaranhado de significações, torna-se importante ressaltar o quão fundamental é este ou aquele objeto geográfico, na organização espacial desse bairro. Para se alcançar o cerne da expressão geográfica da Praça Oito de Maio, foram realizadas entrevistas e mesmo conversas informais com seus residentes e frequentadores e, nesse âmbito, poderá ser abordada a geografia do bairro.

Do processo de elaboração desta pesquisa constam ainda coletas de dados e material bibliográfico com respeito a informações obtidas nos órgãos de pesquisa competentes, instituições como a Biblioteca Nacional, o Arquivo Geral da Cidade, a Fundação Parques

e Jardins, o Instituto Pereira Passos, as bibliotecas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. A ida a campo será um dos métodos realizados, com visitas à Praça Oito de Maio, entrevistas com alguns frequentadores da praça, para que o máximo de depoimentos sejam coletados. Os testemunhos colhidos serão de grande valia para este estudo, principalmente porque Rocha Miranda bem como a Praça carecem de artigos ou obras sobre seu espaço geográfico. Diante do exposto, a pesquisa se pauta, entre vários outros autores, em Roberto L. Corrêa, Paulo C. C. Gomes, Milton Santos, Zeny Rosendahl, João B. F. Mello, Ana F. A. Carlos, Maria Therezinha Segadas Soares, Lysia Bernardes.

Isto posto, este artigo, versa sobre o surgimento de edificações que representam um acontecimento, um estilo, ou um período, como é o caso da Praça 8 de Maio que neste inciso tem sua criação e importância elucidadas, contribuindo para a dinâmica da sociedade local.

A Praça Oito de Maio



Fonte: acervo particular

Alguns objetos geográficos perdem suas funções inaugurais e outros persistem contribuindo para a dinâmica de uma sociedade. Descortina-se a partir de agora a importância geográfica, bem como suas contribuições social, cultural e econômica, não apenas para a formação do bairro de Rocha Miranda, mas primordialmente na transformação deste local em lugar para muitas pessoas. Discorrendo sobre lugar, fala-se de intimidade, de

aconchego, de proximidade com as formas existentes em determinado espaço. Contudo, não se refere a um local desconhecido, mas de algo próximo, pela facilidade de acesso que este sítio possua, sendo conhecido pelos seus usos e não apenas por ser visto. Refletindo sobre lugar, o sentido de lar é sugerido, como Tuan (1983, p. 160) associa:

O lar é um lugar íntimo. Pensamos na casa como lar e lugar, mas as imagens atraentes do passado são evocados não tanto pela totalidade do prédio, que somente pode ser visto, como pelos seus elementos e mobiliário, que podem ser tocados e também cheirados: o sótão e a adega, a lareira e a janela do terraço, os cantos escondidos, uma banquetta, um espelho dourado, uma concha lascada. “Nas coisas menores e mais familiares”, diz Freya Stark, “a memória tece as alegrias mais intensas e nos mantém à sua mercê através de ninharias, algum som, o tom de uma voz, o odor de piche e de algas marinhas no cais.” (...) Este certamente é o significado de lar – um lugar em que cada dia é multiplicado por todos os dias anteriores.

Esses sentimentos de afetividade e intimidade, para com o lugar, podem variar em diferentes níveis de escalas espaciais, podendo ser construídos com uma rua, um bairro, um país etc., ou até mesmo através do cotidiano, da vivência e experiência vividas em um local. (Bossé (2004, p. 167) fala dessa variação de escalas quando ilustra “(...) como um foco identitário em todas as escalas espaciais, desde o espaço cotidiano e familiar da casa (*home*) até o território da coletividade nacional (*homeland*)”. Com respeito à transformação do espaço em lugar, segundo Tuan “o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor” (TUAN, 1983, p. 6). Mello traz profundo embasamento sobre lugar definindo-o como:

(...) sentido de lar, por ser plena de experiências e desenvoltura, ao mesmo tempo, uma pausa de estabilidade e bem-estar, além de morada acolhedora e intocável campo de movimento e pertencimento a ser defendido. (...) porquanto o lugar transcende a materialidade, ainda que não dissociado desta (...) (MELLO, 2002, p. 17).

O valor de um lugar pode ser aferido em menor ou maior grau, dependendo das experiências e vivências contidas no mesmo. Esse maior ou menor valor atribuído aos lugares alcança novo sentido, influenciado pelas formas que estes abrigam ou pelos seus habitantes. Um claro exemplo disso são os locais habitados anteriormente por pessoas ilustres, ou de grande destaque na história da humanidade, que passam a adquirir valores simbólicos. Tuan menciona o que Bohr expôs a Heisenberg, no tocante ao novo sentido adquirido por um lugar, após o conhecimento de que uma influente pessoa por ali passou ou ali viveu. Assim afirma Bohr (1983, p. 4):

Não é interessante como este castelo muda tão logo a gente imagina que Hamlet viveu aqui? Como cientistas, acreditamos que um castelo consiste só em pedras, e admiramos a forma como o arquiteto as ordenou. As pedras, o teto verde com a pátina, os entalhes de madeira na igreja constituem o castelo todo. Nada disto deveria mudar pelo fato de que Hamlet morou aqui e, no entanto, muda completamente. De repente os muros e os baluartes falam uma linguagem bem diferente. O próprio

pátio se transforma em um mundo, um canto escuro nos lembra a escuridão da alma humana, e escutamos Hamlet: “Ser ou não ser”. No entanto tudo o que realmente sabemos sobre Hamlet é que seu nome aparece.

Sintetizando lugar, tem-se como o local onde as relações cotidianas, entre as pessoas, alcançam significado tornando-se parte da geografia do bairro. A frase seguinte traduz a que este assunto se refere: “(...) é no lugar que se desenvolve a vida em todas as suas dimensões”. Apresentando o quanto se tornam intrínsecos e mutuamente influenciáveis, as histórias particulares e a do bairro, Carlos completa que “(...) pensar o plano do vivido (...) também significa pensar a história privada de cada lugar se desenvolvendo, ou ainda, se realizando em função de uma cultura/ tradição/ língua/ hábitos que lhes são próprios (...)” (CARLOS, 1996, p. 17).

A Praça Oito de Maio é o local onde vidas e histórias particulares se desenvolvem e se misturam, influenciando e sendo influenciadas pela história do bairro. Isto é facilmente identificado à noite em dias de semana, nos fins de semana e em dias festivos, acolhendo barracas de artesanato, comidas típicas, e pessoas, de idade diversificada, que fazem parte de grupos como *hip-hop*, emos, roqueiros, jogadores de cartas, skatistas, sambistas, pagodeiros entre outros. Cada qual respeitando o espaço do outro. Costa (2008, p. 152) fala dessa socialização dos espaços públicos por diversos grupos pertencentes à sociedade, que juntos se utilizam desses locais estabelecendo fortes laços afetivos, demonstrado nesta passagem:

As pessoas se socializam e interagem no lugar, quer seja a rua, o bairro ou cidade. As redes sociais que se formam a partir dessas identidades locais contribuem para a formação do lugar conferindo, portanto uma paisagem que gera um sentimento de pertença.

Segundo levantamento realizado pela Secretaria Municipal de Urbanismo da Prefeitura do Rio, vinculada ao Instituto Pereira Passos, esta praça, localizada próximo à Estação de trem do ramal linha auxiliar, tinha como nome original Praça das Pérolas, em razão do rio das Pedras que atravessa o bairro onde havia, no século XIX, atividade de extração mineral. Por isso, vale repetir, o nome dessas pedras em ruas do bairro (rua dos Rubis, dos Diamantes, dos Topázios etc.). Na década de 1930, a praça foi urbanizada pelo então prefeito Henrique Dodsworth, do Distrito Federal, antiga capital do Brasil, entre os anos de 1937 e 1945. Na ocasião, ocorreu a execução do projeto de alinhamento da rua Carolina Machado, em Madureira (DECRETO N° 6.466). Este fixo geográfico ostenta em seu centro um obelisco, com o nome das cidades onde os ex-combatentes, moradores do bairro, lutaram bravamente, homenageando o fim da Segunda Guerra Mundial (visualizado nas fotos a seguir), e comemorando a visita que o presidente Craveiro Lopes, de Portugal, faria à sua irmã, moradora do bairro (BRASIL, 2000).

Deste modo, Rocha Miranda recebe em seu cerne um importante fixo geográfico rebatizado com o nome de Oito de Maio, lembrando a data da capitulação da Alemanha e

em comemoração à vitória e ao fim da Segunda Guerra Mundial (8 de maio de 1945). O obelisco erguido no meio da praça mede 19,80m de altura e constitui uma homenagem aos



expedicionários e ao fim da batalha, apoiando braços de aço e uma estrela estilizada no alto servindo de apoio para alegorias festivas, como a tradicional árvore de Natal. Sua fundação foi feita diretamente em sapatas de concreto armado, constando na base, inserida em um círculo de 3,70m de diâmetro, peça em concreto pré-moldado, revestido em granito cinza apicoado, contendo informações históricas sobre o Dia da Vitória (PROJETO RIO CIDADE, 1998).



Encontra-se, neste projeto, um rico detalhamento do que está disposto na praça como: “brinquedos (escada árvore, escorregador rústico grande, gangorra dupla, minicentro de atividade, escada horizontal), bicicletário, bancos de madeira, cabine da Polícia Militar, balizador, coletor de lixo e mesa para jogos”. A Prefeitura procurou incentivar, por intermédio deste projeto, o melhor aproveitamento do local no quesito das vocações culturais e de lazer. Com relação à disposição de várias mesas, cadeiras e bancos de madeira neste logradouro público, pretende-se estimular o convívio das pessoas no local. Para isso, até a altura das edificações em seu entorno foi limitada a no máximo três pavimentos, a fim de que a paisagem apresentasse a menor quantidade de poluição visual possível.

Fonte: acervo particular



Fonte: Ficha de Cadastro de Bens e imóveis.

Observando algumas imagens do bairro, nota-se, com muita facilidade, o déficit no setor secundário de sua economia, principalmente no que concerne à indústria local. Entretanto, o setor terciário é diversificado, principalmente no entorno da praça, onde se localiza grande parte do comércio; como exemplo de algumas atividades comerciais, demonstradas na foto a seguir, estão as casas lotéricas, Cacau Show, o Boticário, o Banco Bradesco, lojas de móveis, os Correios, casa de material de construção, loja de artigo para presentes, docerias, lojas de roupas, floricultura, padaria, salão de beleza, o belíssimo prédio do antigo cinema Guaraci etc. Essa multiplicidade do comércio, alocado ao redor deste largo, ocorre principalmente nessa, mas também em outras praças do bairro, como consta no site do Armazém de Dados, do Instituto Pereira Passos.

Rocha Miranda, particularmente, possui uma quantidade de espaços públicos ajardinados como parques, jardins, praças etc. que dotam o bairro de um clima agradável, com ar ameno que o diferencia dos bairros adjacentes como Madureira e Colégio, mais quentes e abafados. O site do Armazém de Dados também disponibilizou uma tabela, que reproduzo a seguir, com a contagem feita em 1999, do total dessas áreas livres arborizadas.

Como pode ser visto, a Praça Oito de Maio é possuidora de importância simbólica popular, podendo passar despercebida por alguns que não possuem qualquer tipo de relação com o lugar. No entanto, para os que nela se encontram, adquirindo e/ou trocando novas experiências, inicia-se uma identificação com a mesma. Nesse lugar emergem os sentimentos de posse e pertencimento (ROSENDAHL, 2005), por parte dos frequentadores, demonstrando sua tamanha importância afetiva. (TUAN, 1980) A praça passa a ser uma marca socialmente representada, plena de significados e experiências sociais (COSTA, 2008). Acerca dessa

Tabela – Área territorial e número de praças, largos, jardins, parques e outros espaços ajardinados e livres. Regiões Administrativas e Áreas de Planejamento – Município do Rio de Janeiro

Áreas de Planejamento, Regiões Administrativas e bairros	Espaço Ajardinados e Livres						
	Áreas Territorial (1) ha	Total Geral	Praça	Largo	Jardim	Parque (2)	Outro (3)
XV Madureira	3.018.109	93	82	9	1	1	-
Campinho	98.451	5	4	1	-	-	-
Quintino Bocaiúva	432.379	2	1	1	-	-	-
Cavalcanti	192.415	1	1	-	-	-	-
Engenho Leal	70.827	1	1	-	-	-	-
Cascadura	283.897	6	4	1	-	1	-
Madureira	378.761	19	16	2	1	-	-
Vaz Lobo	110.122	6	5	1	-	-	-
Turiaçu	125.581	3	3	-	-	-	-
Rocha Miranda	288.671	14	12	2	-	-	-
Honório Gurgel	137.485	6	6	-	-	-	-
Oswaldo Cruz	207.113	4	4	-	-	-	-
Bento Ribeiro	303.785	8	7	1	-	-	-
Marechal Hermes	388.623	18	18	-	-	-	-

Fonte: Armazém de Dados.

representatividade histórica de uma sociedade em algumas formas espaciais, Carlos (1996, p. 22) sublinha, além da história de um povo, é o peso da história da humanidade que se acrescenta no campo cultural e auxilia na alteração do espaço. A autora completa essa ideia da seguinte maneira:

A natureza social da identidade, do sentimento de pertencer ao lugar ou das formas de apropriação do espaço que ela suscita, liga-se aos lugares habitados, marcados pela presença, criados pela história fragmentária feitas de resíduos e detritos, pela acumulação dos tempos, remarcados, nomeados, natureza transformada pela prática social, produto de uma capacidade criadora, acumulação cultural que se inscreve num espaço e tempo.

Ou seja, o pertencimento ao lugar proporciona a criação de novas formas, sendo estas esculpidas segundo a carga cultural daqueles que ali habitam, e preservadas no tempo e no espaço, acumulando sobre si fatos históricos daquele lugar e povo. À proporção que laços de afetividade são ampliados, maior será a lealdade de um povo com o seu lugar, no que diz respeito à conservação e perpetuação da sua história e dos seus símbolos. “Quanto mais laços houver, mais forte será o vínculo emocional” (TUAN, 1983, p. 175).

Sua representatividade histórica, social, cultural e econômica

Algumas formas espaciais acumulam, ao longo do tempo, sentimentos de orgulho e pertencimento de um povo. Essa identificação extremosa, da população, acontece pela participação desses fixos em suas histórias de vida. Isso acontece com o obelisco introduzido na Praça Oito de Maio, enaltecendo os que residiam e/ou ainda residem ali, sejam eles ex-combatentes, familiares ou apenas frequentadores do bairro, fazendo essas pessoas se apossarem desses objetos com os quais os laços de afetividade são estreitados. Essa intimidade com o local é vista em atitudes habituais, feitas pela população, e incentivadas pelo Projeto Rio Cidade, da Prefeitura do Rio de Janeiro, como a conversa entre os amigos e vizinhos nos bancos da praça, jogos de cartas e damas, principalmente pelos idosos, diversão e entretenimento nos brinquedos para as crianças, alçando como lugar o bairro de Rocha Miranda. Assim sendo, quando espaço, “(...) é composto por um sistema de objetos cada vez mais artificiais (...)” (SANTOS, M. 1994, p. 44) consegue absorver o sentimento topofílico (TUAN, 1980) de um povo, e é eleito como um lugar íntimo para essa população. Sobre a importância do lugar, Milton Santos (2009, p. 114) informa:

(...) o papel do lugar é determinante. Ele não é apenas um quadro de vida, mas um espaço vivido, isto é, de experiência sempre renovada, o que permite, ao mesmo tempo, a reavaliação das heranças e a indagação sobre o presente e o futuro. A existência naquele espaço exerce um papel revelador sobre o mundo.

A frequência, por parte da população, à Praça Oito de Maio, é um claro exemplo de apropriação do local público transformando-o em lugar, uma extensão íntima que antes era restrito apenas ao lares de cada um, agora estende-se ao espaço público. Nota-se que parte das pessoas que frequentam a praça, principalmente no horário da manhã e no fim de tarde, pertence a uma faixa etária mais alta. Conversando com algumas dessas pessoas, compreende-se o motivo pelo qual estão ali. Em entrevista com um senhor de 88 anos de idade, chamado Joaquim da Silva Costa, ex-combatente na Segunda Guerra Mundial, o fato de estar ali onde existe um obelisco em homenagem ao que ele fez há muitos anos atrás, o faz valorizar três pontos importantes: a sua ida à Guerra, os seus amigos que ainda estão ao seu lado e, o fato de estar vivo para contar aos seus netos e bisnetos o que aconteceu há décadas atrás. Esse exercício de resgate da memória, praticado pelo sr. Joaquim quando está jogando ou conversando com os amigos, tem como intuito conservar o passado por meio das lembranças, como sugere Bosi (1994, p. 53) quando declara que “A lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora a consciência na forma de imagens-lembrança”.

Diante dessa conversa, recurso utilizado em diversas ciências e filosofias, nota-se a importância geográfica e histórica da praça, aproximando o passado do presente por meio das lembranças. Adentrando neste raciocínio, conclui-se que um fixo possui expressão

emblemática quando faz parte da trajetória de vida de uma pessoa ou de um povo. A posse sobre estes fixos é exercida através da vivência nesses locais, sendo, por vezes, compartilhada com amigos e vizinhos, estabelecendo e desenvolvendo a vida por meio de laços íntimos e afetivos, transformando-os em objetos-símbolos e em lugares (CARLOS, 1996). Nesta trilha, Mello (2008) afirma ainda sobre o caráter simbólico que não apenas os artefatos possuem, mas também os lugares: “(...) podemos dizer que o caráter simbólico dos lugares estabelece conexões, decodificando e traduzindo um passado e o conectando ao presente (...)”. Este sentimento de pertencimento (ROSENDAHL, 2005; MELLO, 2008) e posse de um lugar está explícito quando Costa (2008) cita Bourdin (2001, p. 33) em: “o sentido de pertença é resultado do conjunto de recortes que especificam a posição de um ator social e a inserção de seu grupo de pertença a um lugar”.

A praça é para essas pessoas, moradoras ou visitantes do bairro, um lugar simbólico que proporciona a seus frequentadores o sentimento de íntima relação durante o seu convívio, e esse “cotidiano de cada pessoa é enriquecido pela experiência própria e pela do vizinho (...)” (SANTOS, M. 2009, p. 173). E isso não se restringe apenas à praça, se estende ao comércio no seu entorno, cada casa comercial estabelece com seus clientes que, na maioria são moradores de Rocha Miranda, vínculos de amizade. Esse laço de conhecimento, entre clientes e comerciantes, é característico de lugares que preservam sua história através de seus monumentos históricos. Carlos (1996, p. 18) menciona em sua obra “O lugar no/do mundo”, esse conhecimento entre as pessoas, sejam moradores ou prestadores de serviços, que ocorre em um bairro, a partir das experiências de vivência e de amizade de cada indivíduo.

Motorista de ônibus, bilheteiros, são conhecidos-reconhecidos como parte da comunidade, cumprimentados como tal, não simples prestadores de serviço. As casas comerciais são mais do que pontos de troca de mercadorias, são também pontos de encontro. É evidente que é possível encontrar isso na metrópole, no nível do bairro, que é o plano do vivido (...).

E essa troca de experiências, praticada entre as pessoas sejam elas moradoras ou não do próprio bairro, contribui para o aprimoramento cultural dessa população. O ser humano desenvolve suas atividades se dividindo e se reunindo em grupos; Geertz (1973, p. 4) defende como conceito de cultura, “(...) que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise”. Sendo assim, cada grupo social, entre os quais se encontram os jogadores de carta, os emos, os *skatistas*, os roqueiros etc. que naquele local se reúne para expressar atividades específicas, acrescenta na formação e caracterização da identidade do bairro de Rocha Miranda, tornando-o um lugar único e diferenciado dos outros bairros, destacando sua particularidade íntima e familiar.

No tocante aos laços afetivos e de amizade compartilhados entre os indivíduos, que em um lugar são estabelecidos, Milton Santos ressalta que “a partir desses efeitos de vizinhança, o indivíduo refortificado pode, num segundo momento, ultrapassar sua busca pelo consumo

e entregar-se à busca da cidadania” (2009, p. 166), sendo possível, a partir da convivência entre as pessoas, fixar laços íntimos que tornam este indivíduo parte integrante e atuante nessa sociedade, exercendo de igual modo a sua cidadania por meio dos seus direitos e do cumprimento de seus deveres.

A atuação desses grupos sociais na Praça faz dela um fixo geográfico por proporcionar fluxos social, econômico e cultural em Rocha Miranda, além de gerar uma homogeneização desse espaço, pelo fato de que, mesmo cada um possuindo características peculiares, todos contribuem para a valorização da cultura local. Como nas palavras de Santos, “Gente junta cria cultura e, paralelamente, cria uma (...) cultura territorializada. (...) Essa cultura da vizinhança valoriza (...) a experiência da convivência (...)” (Ibid., p.144). A partir dessa valorização do lugar, por parte de um grupo ou de uma pessoa, encontros de grupos ou formas espaciais com expressividade simbólica vão surgindo. “Daí a expressividade dos seus símbolos, manifestados na fala, na música e na riqueza de formas de intercurso (...) entre as pessoas” (Ibid., p. 145). Concebe-se neste bairro, uma população que se identifica de tal maneira com o lugar que ali instaura modos, falas e costumes, que são típicos dessa localidade.

A Praça Oito de Maio contribui positivamente com Rocha Miranda em outro aspecto, o econômico. A diversidade de grupos sociais, que compõem a formação social e cultural deste bairro, agrega fatores como maior mobilidade na área, contribuindo para o seu desenvolvimento econômico. Como o professor Milton Santos afirma, em sua obra de 1994, um fixo de extrema importância emite e recebe fluxos, sendo possuidor de uma multiplicidade de pessoas que o frequentam em busca de diversão e distração. Ou seja, fluxos ou movimentos são estabelecidos a partir dessa dinâmica espacial que esses grupos sociais firmam nesse local; atividades como encontros anuais dos ex-combatentes na praça, campeonato de *skate*, comemoração de datas festivas como Dia das Crianças, Dia das Mães, Natal, Dia de Santa Bárbara etc. são algumas festividades que atraem grande contingente de pessoas, trazendo para a economia local maior dinamismo. E esses benefícios não apenas o comércio presencia, mas a população local também se beneficia por meio da venda de produtos em barracas de artesanatos e comestíveis. Milton Santos (1994, p. 83) esclarece essa fluidez trazida pelas relações sociais quando diz:

Os fixos (casa, porto, armazém, plantação, fábrica) emitem fluxos ou recebem fluxos que são os movimentos entre os fixos. As relações sociais comandam os fluxos que precisam dos fixos para se realizar. Os fixos são modificados pelos fluxos, mas os fluxos também se modificam ao encontro dos fixos.

Esse dinamismo presenciado pelo bairro é alcançado pela valorização do lugar, praticado fortemente não apenas pelos comerciantes locais com ações que buscam o retorno daquele cliente, ou desconto especial para quem comprovar ser morador do bairro, como também pelos meios de comunicação, caso da rádio local, que incentivam a permanência dos moradores em Rocha Miranda para efetuarem atividades cotidianas tais como o pagamento

de contas, ir às compras, passear com a família etc. como medida impulsionadora da economia local. Por essas características observadas, como a vivência das pessoas na praça, a permanência no bairro, a valorização do mesmo e do seu passado histórico, nota-se o esforço, de seus comerciantes e moradores mais antigos, despendido na conservação da carga de história, impregnada nos fixos do lugar. O caráter simbólico desses fixos, Tuan (1980) sugere ser a parte de um todo que integra a história de um grupo social ou ser um elemento da vida de uma pessoa, cada qual com sua carga de experiência.

Atenta-se para a transformação desse bairro em lugar de vivência, pela população residente e/ou simpatizantes, através de feitos como a supervalorização das formas espaciais existentes nesse local, atraindo fluidez de pessoas e mercadorias, beneficiando o comércio e os moradores, da carga histórica e simbólica que Rocha Miranda possui e faz questão de preservar, tanto pelos políticos que saíram do bairro, como é o caso do deputado federal Pedro Fernandes, que faz questão de destacar sua trajetória estudantil, quanto os comerciantes que se unem, com festividades, à população, incentivando a fixação dessas pessoas no bairro. Tais ações fazem a ideia de lugar ressurgir como a principal consequência propiciada por atos, que valorizam em demasia um local ou/e seus fixos espaciais, conforme afirma Carlos (1996, p. 22):

A natureza social da identidade, do sentimento de pertencer ao lugar ou das formas de apropriação do espaço que ela suscita, liga-se aos lugares habitados, (...) criados (...) pela acumulação dos tempos, (...) acumulação cultural que se inscreve num espaço e tempo. Isto é, o lugar guarda em si e não fora dele o seu significado e as dimensões do movimento da história em constituição enquanto movimento da vida, possível de ser apreendido pela memória, através dos sentidos.

Considerações Finais

Resgatando o histórico do surgimento e desenvolvimento da Praça Oito de Maio, compreende-se o quão rico é este em afetividade e afinidade para os residentes e frequentadores do bairro. Esta forma espacial, simbólica para o bairro, contribuiu para a formação da sociedade local, nos seus mais variados aspectos. A fim de se evidenciar a importância de um símbolo na caracterização de uma sociedade, Mircea (1979, p. 13) sublinha que “o símbolo revela certos aspectos da realidade - os mais profundos - que desafiam qualquer outro meio de conhecimento”.

As formas espaciais, também chamadas “de objetos culturais, artificiais, históricos” (SANTOS, M. 1988, p. 89), impregnadas de orgulho e representatividade pela população do bairro, experimentam ao longo do tempo diferentes interesses capitalistas e funções sociais. É o caso da Praça Oito de Maio, que proporciona a Rocha Miranda, nos dias das festas santas, movimentação de populares, dinamizando o comércio e, portanto, a economia local.

Em suma, Rocha Miranda é possuidor de objetos simbólicos impregnados de lembranças e de histórias, contribuindo consideravelmente para a conservação da sua memória. Alguns desses, como é o caso da Praça Oito de Maio, colaboram na formação social da população, por meio da diversidade cultural exercida nela e os encontros de amigos, destacadamente os ex-combatentes da Segunda Guerra Mundial, e/ou religiosos, durante as muitas festividades ali realizadas. Esta demonstração perpetua-se nos relatos de pessoas que, com muita emoção e saudosismo, resgatam e eternizam a importância da Praça pelas boas lembranças vividas. O passado emerge nas recordações, nas lembranças revividas em círculo de amigos no final da tarde, ou nos encontros de carteados pela manhã, a cerca desse resgate da memória Ecléa Bosi (1994:53) adverte: “... a lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembrança...” .

Referências Bibliográficas

- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*, 12ªed. Companhia das Letras, 1994.
- Bossé, Mathias Le. As questões de identidade em geografia cultural. IN: Corrêa, Roberto Lobato, Rosendahl, Zeny. (org.). *Paisagens, textos e identidade*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.
- BRASIL, Gerson. *História das ruas do Rio: e da sua liderança na história política do Brasil*. Edições Lacerda, Rio de Janeiro: 5ª Ed. 2000.
- CABRAL, Carla. Prefeitura do Rio de Janeiro – Patrimônio Cultural: Ficha Cadastro de Bens Imóveis com Valor Individual - Secretaria Extraordinária de Promoção, Defesa, Desenvolvimento e Revitalização do Patrimônio e da Memória Histórico-Cultural da Cidade do Rio de Janeiro. Coordenadoria de Proteção e Conservação - Gerência de Cadastro e Pesquisa. Rio de Janeiro, Folha nº1, p.1-19, 05/07/1995 e 10/09/2007.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O Lugar no/do mundo*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- COSTA, Otávio. Memória e paisagem: em busca do simbólico dos lugares. IN: *Espaço e Cultura – Edição Comemorativa – (2008) – Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, dez.1996 – 183 Pág.*
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. IS.reimpr. LCT, Rio de Janeiro: 1 ed., 2008.
- Mello, João B. F. A Restauração dos lugares do Passado. Geo UERJ, *Revista do Departamento de Geografia*, nº 12, UERJ, Rio de Janeiro: 2º semestre de 2002.
- MELLO, J. B. F. Símbolos dos lugares, dos espaços e dos “deslugares”. IN: ROSENDAHL, Zeny e CORREA, Roberto Lobato (org.) *Espaço e Cultura – Edição Comemorativa – (2008) – Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, dez. 167 – 174 Págs.*
- MIRCEA, Eliade. *Imagens e Símbolos*. Tradução: Maria Adozinda Oliveira Soares. 1.º edição em português, Artes e Letras/Arcádia, 1979.
- Projeto Rio Cidade – Rocha Miranda: Sinalização viária. Projeto Básico, agosto 1998 - Sinalização.
- Projeto Rio Cidade 2 – Rocha Miranda: Projeto de execução, agosto 1998 – especificações e procedimentos construtivos.
- Projeto Rio Cidade 2 – Rocha Miranda – Projeto de execução, agosto 1998 – Legislação.
- ROSENDAHL, Z. “Território e territorialidade: uma perspectiva geográfica para o estudo da religião”. In: Corrêa, R. L. (orgs.). *Geografia: temas sobre cultura e espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005.
- SANTOS, Milton. *Metamorfoses do Espaço Habitado: fundamentos teórico e metodológico da Geografia*. Hucitec, São Paulo 1988.
- SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. Hucitec, São Paulo: 1994.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: 18ª ed, Record, 2009.

TUAN, Yi-fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. DIFEL, São Paulo/Rio de Janeiro: 1980.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*; tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983. (professor-adjunto no Instituto de Geociências e Ciências Exatas – UNESP – Campus de Rio Claro).

Prefeitura do Rio de Janeiro. Obras e Serviços – Urbanização. Rio Cidade Rocha Miranda. Disponível em: <http://obras.rio.rj.gov.br/index.cfm?sqncl_publicacao=424.htm>. Acesso em: 04 ag. 2010, 21:57:0

Enviado em 30/04/2012



Entrevista

